

Apresentação

Em 2016, comemorou-se o quinto centenário do *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* em todo o mundo lusófono. Na Universidade de São Paulo (USP), a efeméride foi festejada pela *Jornada 500 anos do CGGR*, com a apresentação de pesquisas e uma vigorosa performance no Grupo de Música antiga da ECA/USP, coordenado por Mônica Lucas, com composições poético-musicais do período. Da *Jornada*, uma atividade do Grupo de pesquisa do CNPq “Revisão do trovadorismo palaciano: novas abordagens da história literária”, participaram estudiosos de todo Brasil, cujos artigos são aqui reunidos, ao lado de outros vinculados à celebração do livro publicado em 1516.

Contra uma suposta inferioridade do *Cancioneiro Geral* frente à lírica trovadoresca galego-portuguesa, a jovem assistente de literatura portuguesa Cleonice Berardinelli, há mais de sete décadas, em aula de seu catedrático Thiers Martins Moreira, na Universidade do Brasil, defendeu a extensa e multifacetada produção poética reunida por Garcia de Resende, declamando, com sua voz musical, o antológico poema “Senhora, partem tão tristes”. A anedota, muitas vezes contada por ela mesma para as organizadoras deste dossiê, ilustrava um problema e apontava para um campo a ser ainda estudado como merecia. Tal tem sido feito nas últimas décadas, quando o *Cancioneiro Geral* mostrou-se muito mais do que o antológico poema que pontificou em manuais didáticos e histórias literárias desde o século XIX, ou a mal compreendida série de “O cuidar e suspirar”.

O Real Gabinete Português de Leitura, por sua vez, sempre acolheu e promoveu o estudo do cancionero resendiano, abrindo agora as páginas da *Convergência Lusíada* a este dossiê que reúne um conjunto importante de textos empenhados em prosseguir a revisão crítica desse livro fundacional da poesia portuguesa, revisão iniciada em fins de 1990 e subsidiada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses com a publicação individual de alguns cancioneros autorais reunidos no cancionero resendiano, que culminou com a sua republicação em seis volumes, por Aida Fernanda Dias, na primeira década do terceiro milênio, pela IN-CM.

A série de ensaios aqui reunidos busca entender, com enfoques distintos e complementares, a arte de trovar, quer pelas noções zumthorianas de performance, vocalidade, música vocal e instrumental, como argumenta Marcia Arruda Franco, quer pela exposição dos entendimentos e empregos históricos de sátira no âmbito da sociedade de corte, em que a arte de trovar desempenhou papel civilizador, incutindo pelo riso os valores políticos e costumes da monarquia reformada por D. Manuel I, como mostram Marcello Moreira e Isabel Almeida. Para Sheila Hue trata-se de entender, a partir da análise do prólogo deste e de outros cancioneros ibéricos, as relações entre a poesia portuguesa, a imprensa e a coroa, no âmbito da Península Ibérica. Pedro Diniz, organizador

do recital comentado que encerrou a referida jornada de 2016, compara quatro cancioneiros musicais de Portugal, mostrando quanto o *Cancioneiro Geral* participa de um fenômeno não somente literário, mas também poético-musical. Ana Carolina Alvarenga demonstra como as traduções de determinadas cartas das *Heróides* de Ovídio, publicadas na antologia resendiana, seguiram o propósito educativo e recreativo da arte de trovar, visando controlar as paixões das esposas dos navegadores deixadas em Portugal, ao serem lidas em performance para tal público feminino. O artigo de Paulo César Ribeiro Filho examina o tema das fadas no universo trovadoresco do auto quinhentista e as suas vinculações com a cultura popular portuguesa. Por fim, Geraldo Augusto Fernandes, que estudou o cancionero do Coudel-mor Fernão da Silveira em sua dissertação de mestrado, aqui nos apresenta proposta de classificação das formas poéticas impressas em 1516 defendida em sua tese de doutorado.

Juntamos a este dossiê a tradução de o “Apêndice 1” do livro clássico de Pierre Le Gentil sobre o trovadorismo ibérico, em que as formas fixas do trovadorismo, tais como a cantiga, o vilancete e a esparsa, são consideradas poemas musicais, isto é, música vocal, não apenas textos a serem recitados, mas sim cantados.

Com efeito, além das margens estreitas dos manuais escolares e da declamação universitária – diferentemente de “Senhora, partem tão tristes” –, “Comigo me desavim” foi relida na poesia contemporânea em português, voltando a ser música vocal na MPB e no rock português. Se as revisitações de Augusto de Campos, Alexandre O’Neill, Maria Teresa Horta, Vasco Graça Moura a constroem como um lugar da poesia contemporânea em língua portuguesa, as de Caetano Veloso/ Maria Betânia, de Leoni, do grupo de rock português *Ossos vaidosos* e do prematuramente extinto *Ai, deus, e u é?* a afirmam como a cantiga cinco centenária mais popular atualmente, transcrita nos murais de estações do metrô em São Paulo e Lisboa e também retomada como poética da oralidade, como poesia casada com a música vocal e instrumental. Todavia a mina do cancionero resendiano espera ainda ser explorada em busca de outras joias da poesia musical portuguesa.

Marcia Arruda Franco
Sheila Hue